

NOS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Consumo e vida cidadã

Cartaz e Giramundo
Jogo Ladeira acima,
ladeira abaixo

ISSN 1676-5141



9 771676 514269 00027



Jogos
Pan-americanos
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.



editorial

Escola, consumo e cidadania **4**

cartas

Distribuição e Artigo **5**

ponto e contraponto

Semente de cidadania **7**

atualidade

Debate em torno do Velho Chico **10**

pé na estrada

Grupo de estudos on-line **14**

zoom

“Nossos comerciais, por favor!” **16**

capa

Sonho de consumo: um mundo transformável **18**

artigo

O desejo e o consumo **24**

carioca

Pólo de cidadania e educação **25**

professor on-line

Prefeitura tem licença especial automatizada **27**

caleidoscópico

Memórias Cariocas **28**

olho mágico

Hora de produzir **29**

rede fala

Varição lingüística e textos escolares **31**

agenda

Oficinas, congresso e exposições **33**

tudoteca

Dicas de livros, vídeos, sites e filmes **34**

cartaz

Jogo Ladeira acima, ladeira abaixo

giramundo

Regras do jogo Ladeira acima, ladeira abaixo



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ

CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628)

• Éliada Vaz Assessora de comunicação e ouvidora • Antonio Castro Assessor artístico • Guaira Miranda Gerente de multimídia

Equipe de produção: Cristina Campos e Joanna Miranda Conteúdo • Hugo Rangel Cruz e Souza e Leonardo Simmer Amorim Reportagem • Priscila Fagundes Estagiária • Martha Neiva Moreira Edição • Alberto Jacob Filho Fotografia • Guaira Miranda e Luciana Gobbo Projeto gráfico e diagramação • Nancy A. Soares Revisão • Elias Moraes Produção gráfica

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 36.500 exemplares

Escola, consumo e cidadania

Compartilhamos da idéia de que o objetivo principal da educação básica esteja voltado para o exercício da cidadania. Para a efetivação deste objetivo, é preciso que tenhamos em nossa prática, desde a sala de aula, a capacidade de ouvir, discutir, deixar criticar e sugerir. Sem esta postura fundamental, ficamos apenas em um discurso vazio, que não se realiza.

É neste contexto de abertura e, a partir dele, que podemos ampliar o debate sobre a sociedade que vivemos e a sociedade que queremos para que nossas crianças e adolescentes não sejam passivos consumidores.

Este é um grande desafio lançado a todos que se preocupam com o futuro e com a idéia, cada vez mais disseminada, de que tudo deve ser norteado pelo mercado e pela lógica do consumo – nosso estilo de vida, objetos, recursos naturais e até mesmo as relações afetivas.

O desafio, portanto, é conceber a cidadania como exercício crítico a esta lógica e faz sentido a inclusão deste tema na pauta da Nós da Escola, discutindo a responsabilidade da escola na formação de cidadãos críticos, capazes de decisão e de escolha.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação



Distribuição

Trabalho no Pólo de Educação Pelo Trabalho Alzira Araújo e aqui sempre destacamos um assunto de cada edição da revista Nós da Escola e debatemos em um de nossos Centros de Estudos. Infelizmente, por sermos uma unidade de extensão, e a prioridade é para as unidades escolares, nem sempre recebemos o número suficiente de exemplares para todos os professores (12). Vocês não poderiam enviar as revistas diretamente para o nosso Pólo ou para CRE endereçadas a nossa unidade de extensão? Desde já agradecemos o que for possível fazer para a melhoria do nosso trabalho, já que esta revista já se tornou para nós instrumento de trabalho.

Angela

Pólo de Educação Pelo Trabalho Alzira Araújo

N. da R.: A tiragem da revista atende a todos os profissionais de educação da rede municipal de ensino do Rio e a distribuição para as escolas é feita por cada uma das dez coordenadorias regionais de Educação. Não deixe de cobrar a sua!

Artigo

Foi com surpresa que li nas páginas da revista 25 de Nós da Escola o texto de autoria de João Alegria, assessor da Multirio. O artigo apresenta equívocos aos borbotões, padece de um “achismo” que beira o simplório e, em alguns trechos, denota algo irrefutável: ousou afirmar que o autor jamais pisou em uma sala de aula de ensino fundamental ou médio na condição de professor. Minha certeza se pauta pelo patente desconhecimento da realidade dos docentes, sejam eles da rede pública ou privada.

Alegria desqualifica a pesquisa da Unesco realizada com professores do ensino médio, cujos resultados deram origem a uma reportagem do jornal O Globo. O autor comete um erro absurdo, senão vejamos: “Há pouco tempo, uma matéria de jornal divulgou os resultados de uma pesquisa reali-

zada com professores do ensino fundamental de todo o Brasil (“Professores Desplugados”: O Globo – 25/5/2004), mostrando que a maior parte deles estão (sic) excluídos da Internet e muitos nem possuem um computador. O jornalista concluiu ser esta uma grande ameaça para o futuro da educação e dos nossos jovens alunos, que estariam, em decorrência, também aliçados de participar, em igualdade de condições, deste universo das tecnologias da informação e da comunicação.”

Não vou nem falar sobre o erro primário de concordância (“a maior parte estão” é um atentado à norma culta). (...) Ele diz ainda que o jornalista “concluiu ser esta uma grande ameaça para o futuro da educação(...)”. Por incrível que possa parecer, o jornalista nada concluiu.

O terceiro parágrafo é um primor em termos de clichê. “Será que estas afirmações podem ser generalizadas para ‘todos’ os profissionais?”. A pesquisa em momento algum afirma que “todos” os professores são excluídos digitais. O quarto parágrafo traz outra pérola, quando compara a pesquisa da Unesco realizada com professores de todo o país com uma pesquisa efetuada com um grupo de professores (em um universo de quantos?) usuários do site Século XX1. É óbvio que os usuários de um site utilizam computador. Mas afirmar que os docentes usam o computador em seu dia-a-dia nas salas de aula é uma generalização perigosa. Levanto uma questão que poderia dirimir minhas dúvidas: em relação ao universo total de professores da rede municipal, quantos navegam com alguma constância no site Século XX1?

(...) Para encerrar o texto, um parágrafo novamente marcado por obviedades e clichês. A primeira frase afirma algo que era novidade quando a televisão começou a ser usada em sala de aula: “(...) o mais importante, como sugerem os professores entrevistados, é perceber que as máquinas, sozinhas, não resolvem os dilemas da educação nos

dias de hoje”. Nos anos 80, quando eu ainda estava na faculdade, ouvi várias vezes meus professores dizerem o mesmo. Será que, 25 anos depois, a discussão não avançou (pelo menos para Alegria)? A última frase é digna de um livro de autoajuda: “A transformação mais importante está nas mãos dos professores, dos gestores, e dos alunos: uma virada de paradigma na educação”.

Espero que o novo paradigma na educação traga também um pouco mais de clareza sobre os inúmeros problemas que afetam o dia-a-dia de docentes, alunos e comunidades em que se inserem as escolas.

Para encerrar, quero alertar para o risco de o referido texto banalizar a questão da exclusão digital. Em um país com as disparidades econômicas e sociais do Brasil, acreditar que a realidade de alguns professores do Rio de Janeiro pode retratar um quadro nacional é no mínimo estatisticamente questionável. Todo o debate sobre inclusão digital não pode se resumir ao simples fato de “ter medo ou não ter medo” de computador. A inclusão digital vai muito além, buscando na utilização das tecnologias de comunicação novas opções de exercício da cidadania e de compreensão do mundo.

José Carlos Paletti
Professor das redes pública e particular de ensino do Rio de Janeiro

N. da R.: Fico muito contente pelo fato de meu texto “Professor tem medo de computador?”, publicado na revista Nós da Escola nº 25, ter despertado seu interesse e motivado sua imediata reação, por meio de mensagem enviada à redação da revista por correio eletrônico. Prevalece um certo silêncio da comunidade escolar, sobre o lugar institucional e a apropriação pedagógica das tecnologias e da mídia, seus processos e linguagens que merece ser quebrado. É isso que

ocorre quando nós nos manifestamos.

De minha parte, saiba que sou mais dado ao diálogo que à polêmica. Por isso li e reli suas críticas e indagações com muito cuidado e atenção. Algumas das questões que me apresenta, devo dizer-lhe, eu mesmo as tenho colocado a mim. Como se sabe, o conhecimento é sócio-culturalmente determinado e nós, que nos colocamos o desafio de investigar a educação e a escola, tratamos com um objeto de estudo dinâmico, impossível de ser enquadrado em verdades definitivas. Então, diante da oportunidade de ouvir a crítica de um colega, temos a obrigação de voltar às nossas palavras e examiná-las à luz do olhar do outro. Foi o que fiz. Mesmo assim, tendo a pensar que, à exceção do erro de concordância que me indicou, realmente um descuido imperdoável, discordo dos demais apontamentos.

Sigo apostando na diversidade e valorizando as diferenças. Não subestimo a importância dos levantamentos censitários, porém, defendo a importância de cotejá-los com sondagens microsociológicas, antropológicas e outras, porque não consigo reconhecer o professor real quando “abduzido” por cifras e estatísticas. Na minha opinião o professor é um dos sujeitos da aprendizagem, mas não é o único ator neste processo. O professor também não é, necessariamente, acrílico, tecnofóbico ou excluído. Pode não ter o computador na sala de aula (ainda!), mas reconhece o valor da informática na produção das sociedades contemporâneas e sabe que ter domínio sobre essa tecnologia faz diferença e fará ainda mais num futuro bem próximo. O professor também sabe que vários aspectos da instituição escolar devem sofrer transformação para que uma apropriação pedagógica da mídia e das tecnologias se dê de forma menos imperfeita.

João Alegria.



Escreva para o Núcleo de Publicações da MULTIRIO:

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - Cep 22260 210 - Rio de Janeiro ou mande um e-mail para multirio_dpud@rio.rj.gov.br

Visite nosso site www.multirio.rj.gov.br

Semente de cidadania

O Instituto Akatu é uma organização não-governamental criada em 15 de março (Dia Mundial do Consumidor) de 2001, por iniciativa do Instituto Ethos de Responsabilidade Social, com a missão de educar e mobilizar a sociedade pelo consumo consciente, e a responsabilidade de ser o primeiro site especializado na área em todo o mundo. No último dia 26 de abril o instituto lançou seu projeto mais ambicioso: o Centro de Referência Akatu pelo Consumo Consciente, um banco de dados na internet sobre responsabilidade social de consumidores e empresários. Os projetos que o instituto divulga e incentiva são tão diversos quanto os significados que a palavra “cidadania” assumiu em tempos de globalização: economia de água, reaproveitamento de garrafas de plástico, modelos de “gestão responsável”, carros que rodam tanto com gasolina quanto com álcool etc. Faz sentido. Segundo o diretor-presidente do Akatu, Helio Mattar, a idéia de cidadania está associada à necessidade do consumo, e o exercício deste consumo cidadão, “com pequenos e rotineiros gestos”, pode até mudar o mundo. Logo, o nome da ONG não é de se estranhar. A palavra “Akatu” vem do tupi e significa, ao mesmo tempo, “semente boa” e “mundo melhor”. Para ele, o papel de escola nesse processo é “desenvolver o senso crítico de seus alunos”. Além de empresário bem-sucedido, Helio já ocupou o cargo de secretário de Política Industrial do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, e foi conselheiro em mais de uma dezena de grandes empresas.



“O consumidor consciente é o cidadão que percebeu que o simples ato de ir às compras coloca em suas mãos um enorme poder transformador”

O que o levou a fundar o Instituto Akatu? Quais as motivações? O que pretende alcançar?

A principal motivação surgiu com a dimensão do impacto do trabalho junto a organizações, cujo objetivo está ligado à transformação da sociedade. Do ponto de vista pessoal, trabalhar por uma causa posiciona o trabalho como projeto de vida e não apenas como realização profissional. Por meio da nossa missão de “educar, sensibilizar e mobilizar para o consumo consciente”, buscamos, cada vez mais, formas de levar nossas experiências em comunidades para uma escala mais ampla na sociedade e, principalmente, nas políticas públicas governamentais. Já consideramos um grande mérito nossa contribuição ativa na sensibilização da população, da elite e dos poderes constituídos para os problemas ambientais e sociais mais importantes e mais prementes.

Qual a idéia de cidadania que norteia o trabalho do instituto?

Para o Akatu, cidadania significa o consumidor poder exercer seu poder de escolha, determinar que tipo de empresas ele quer na sua sociedade e, como formador de opinião, estabelecer comportamentos que deverão ser seguidos pelos outros. Se ele preferir os produtos daquelas empresas que trazem benefícios, ajudam a preservar o ambiente e investem em ações sociais, ajudará a criar um mundo melhor não só para ele, mas para todas as pessoas.

Como o ato de consumir pode ser ao mesmo tempo um ato de cidadania?

Ao consumir produtos, serviços ou recursos naturais, o consumidor consciente leva em conta suas necessidades pessoais, o impacto no meio ambiente e o bem-estar social. Ele reconhece as ações de responsabilidade social das empresas, prestigiando ou punindo as mesmas de acordo com

sua atuação na sociedade. Ele leva em consideração, por exemplo, se a empresa polui o meio ambiente, se emprega trabalho infantil, se usa madeira extraída ilegalmente e se a embalagem é reciclável, para que ele possa separá-la para a coleta seletiva. O consumidor consciente, portanto, é o cidadão que percebeu que o simples ato de ir às compras coloca em suas mãos um enorme poder transformador. E que, com pequenos e rotineiros gestos, ele pode mudar o mundo.

Qual a relação entre os movimentos pelo “consumo consciente” e o poder público, no sentido de cobrar do Estado que também ele cumpra com suas obrigações?

O consumo consciente pode ajudar a promover o desenvolvimento sustentável, a gerar renda localmente e a contribuir para a redução das despesas do governo. O governo também pode agir como consumidor consciente, optando por comprar produtos ambientalmente sustentáveis ou socialmente responsáveis, e apoiar políticas públicas que viabilizem o consumo consciente, tendo grande influência no mercado. E diversos projetos sociais poderiam se tornar modelos exemplares a serem adotados em políticas públicas e, desta forma, terem seus efeitos ampliados para toda a população.

O que pretendem alcançar as empresas que adotam o conceito de “responsabilidade social”?

Antes, bastava à empresa fabricar um bom produto e vendê-lo a um bom preço para ser competitiva. Mas à medida que os impactos da produção e das relações das empresas com a sociedade foram sendo percebidos, os consumidores passaram a exigir uma nova postura das mesmas. Hoje, não se admite que uma fábrica polua um rio ou que uma empresa não tenha um serviço de atendimento ao consumidor. Isso já é o esperado, quem não fizer assim dificilmente vai sobreviver no mercado. A prática da Responsabilidade Social Empresarial que reflete a preocupação das empresas em ir além de apenas cumprir suas obrigações e

objetivos econômicos pode ser vista hoje como um fator de diferenciação, e, portanto, de vantagem competitiva. Mas a tendência é que a consciência dos consumidores cresça cada vez mais. Então, o que hoje pode ser visto como exceção deve virar regra daqui a algum tempo.

A crítica que se faz ao conceito de “consumo consciente” é que seria um movimento que atua apenas de forma pontual e que não almeja uma real solução dos problemas da sociedade.

Qual a abrangência do trabalho desenvolvido pelo Instituto Akatu?

O Akatu tem várias formas de ação, como o trabalho feito diretamente com comunidades, em empresas e universidades (como, por exemplo, o apoio ao Trote da Cidadania Integrado, na Unicamp), buscando mobilizar a consciência das pessoas e levar o conceito e a prática do consumo consciente. O Akatu também procura alcançar um público cada vez mais amplo com o site www.akatu.org.br e com ações de impacto como o Movimento Cuide, que lançamos em janeiro de 2004 no São Paulo Fashion Week. Mas um dos maiores projetos do Akatu, com grande potencial de mobilização, está sendo lançado: o Centro de Referência Akatu pelo Consumo Consciente consiste em uma importantíssima base de pesquisa sobre o tema, com uma biblioteca com centenas de documentos comentados sob a ótica do consumo consciente, um questionário com 80 perguntas para que o consumidor meça seu nível de consciência e aprenda como ser consciente e um guia que permite ao consumidor conhecer não só quais são as principais ações de responsabilidade social das empresas, mas quais empresas divulgam estas ações, para que ele possa escolher aquelas que apoiará. Com ações como essas, o Instituto Akatu faz diferença e cumpre a sua missão de educar, informar, sensibilizar, instrumentar e mobilizar o consumidor, viabilizando a prática do consumo de forma consciente. Um consumo onde as escolhas considerem o equilíbrio entre o bem-estar do consumidor, a preservação ambiental e as necessidades sociais.

“...a capacidade da escola desenvolver o senso crítico de seus alunos, propondo discussões em torno de questões ligadas à sustentabilidade ambiental, social e econômica, é a base de uma educação capaz de estruturar cidadãos protagonistas, que possam interferir na sociedade...”

Qual o papel da escola na formação de cidadãos críticos, capazes de influenciar em seus próprios destinos e não apenas reagir passivamente aos estímulos da sociedade de consumo?

O Instituto Akatu acredita que o exercício do consumo consciente – traduzido pela busca do equilíbrio entre o bem-estar pessoal, as possibilidades ambientais e as necessidades sociais – não é um mero coadjuvante na prática de ações cidadãs, mas sim seu eixo condutor. Desta forma, a capacidade da escola desenvolver o senso crítico de seus alunos, propondo discussões em torno de questões ligadas à sustentabilidade ambiental, social e econômica, é a base de uma educação capaz de estruturar cidadãos protagonistas, que possam interferir na sociedade atuando na direção de um mundo mais justo, sustentável ambientalmente e com mais qualidade de vida para todos. Para o Instituto Akatu essa educação voltada para as decisões e escolhas cotidianas, que sintetizam a essência do consumo consciente, passa por um processo de sensibilização e mobilização que pode ser conduzido por meio das pedagogias criadas pelo Instituto, que despertam o cidadão para o seu papel de protagonista ativo na sociedade. São elas: Relevância: “Essa questão, fato ou tema é importante e me afeta”; Interdependência: “O que cada um faz, afeta todos”; Ações Cotidianas: “Ao longo do tempo, mesmo poucos fazem muito”; Cidadania: “Todos juntos, fazem muito em pouco tempo”. ■

Saiba mais

www.akatu.com.br
www.centroakatu.org.br

Debate em torno do Velho Chico



Projeto de **Transposição do Rio São Francisco** ainda gera dúvidas entre especialistas

Extensão: 2.660 km
Área: 600.000 km de bacia hidrográfica, abrangendo 504 municípios e cinco estados brasileiros (Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe)
População: 11 milhões de habitantes, 2.500km de rios navegáveis
Hidrelétricas: Três Marias, Sobradinho, Itaparica, Paulo Afonso e Xingó

Desde que o presidente Lula anunciou, no início de seu mandato, que o projeto de transposição do Rio São Francisco sairia do papel, um debate polêmico tomou conta das rodas de conversa de cientistas e ambientalistas, que questionam a viabilidade da proposta. A obra prevista é de proporções faraônicas. A idéia é construir dois grandes canais que, pelo projeto, teriam cerca de 700 quilômetros de extensão, 25 metros de largura e cinco de profundidade, para integrar a **Bacia do São Francisco** às bacias dos rios do Nordeste Setentrional, região que corresponde ao Semi-árido de Pernambuco (sertão e agreste), Ceará,

Paraíba e Rio Grande do Norte e que historicamente sofre com o problema da seca.

De acordo com o projeto, disponível no site do Ministério da Integração Nacional, um dos canais partirá das imediações da cidade de Cabrobó, em Pernambuco, em direção aos rios Salgado e Jaguaribe, no Ceará; Apodi, no Rio Grande do Norte e Piranhas-Açu, na Paraíba e Rio Grande do Norte. O outro fará a captação no lago da barragem de Itaparica e seguirá em direção aos rios Paraíba, Moxotó e Brígida, em Pernambuco. Assim, segundo a proposta, seria

possível aliviar os problemas de milhões de famílias que hoje vivem o drama da escassez de água no Nordeste brasileiro.

E é exatamente aí que começam as críticas. Uma estimativa realizada durante o Fórum Social Mundial mostrou que 70% da água transposta servirão para irrigar as plantações de grandes produtores da Bacia do São Francisco, que já contam com tecnologia de irrigação e água abundante, e 26% irão abastecer grandes cidades. Para o pequeno agricultor e para o uso humano difuso, restará 4% da água transposta.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizou um seminário no ano passado, intitulado “Encontro internacional sobre transferência de águas entre grandes bacias hidrográficas”, em que analisou, em um dos workshops, o projeto de transposição do São Francisco. O resultado foi um relatório que aponta, entre outras questões, exatamente essa dificuldade, mesmo com a transferência entre bacias, de atender às comunidades dispersas pelo Semi-árido (as localizadas em áreas externas à Bacia). Diz o estudo: “Técnicamente, não há como atender esse contingente populacional com água do São Francisco, restando as formas tradicionais de convivência com o semi-árido: cisternas, poços, dessanização, pequenos açudes etc”.

Mesmo para as áreas que serão beneficiadas diretamente pelo projeto, o documento da SBPC indica alternativas mais baratas à transposição: “as atuais disponibilidades hídricas da região potencialmente receptora do projeto da transposição do Rio São Francisco podem ser aumentadas com a interligação dos reservatórios já existentes e otimização de sua operação, reuso dos esgotos tratados para outros fins, interação no uso da água superficial com a subterrânea observando a sustentabilidade da exploração destas fontes e otimização dos recursos hídricos

alternativos considerando a heterogeneidade do Semi-árido”.

O argumento de que a região beneficiada pela transposição já conta com um abundante suprimento de água é usado pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco para defender a revitalização hidroambiental da Bacia do São Francisco, como prioridade. Na Carta de Salvador, documento da CBHSF, há um parágrafo que diz que “os estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, para onde são destinadas as águas do chamado Eixo Norte, são detentores, juntos, das maiores reservas de água acumuladas do Semi-árido”.

A idéia de revitalizar a área da Bacia do São Francisco e otimizar os recursos hídricos já existentes por lá

Saiba mais

Comitê da Bacia

Hidrográfica do Rio São

Francisco

www.cbhsaofrancisco.org.br

Ministério da Integração
Nacional

www.mi.gov.br/saofrancisco

Lendas do Rio São Francisco

www.terrabrasileira.net/folclore

Século XXI- chave Água

www.multirio.rj.gov.br/seculo21

Professor João Suassuna

www.joasuassuna.hpg.com.br



A BACIA DO RIO SÃO FRANCISCO ABRANGE CINCO ESTADOS BRASILEIROS

até faz parte do projeto do governo federal, mas não é prioridade. O orçamento destinado à transposição é de R\$ 1 bilhão, que serão gastos apenas nas obras de construção civil, e para a revitalização estão previstos apenas R\$ 100 milhões.

João Suassuna, especialista em recursos hídricos e desenvolvimento do Semi-árido e professor da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, é um dos defensores da revitalização da Bacia do São Francisco. Em seu site, na internet, ele relacionou alguns pontos que merecem ser repensados pela equipe do governo federal (veja quadro). Ele defende que a "transposição seja uma alternativa complementar à revitalização e não implique o abandono ou mesmo a subutilização de fontes locais de água, garantindo intervenções capilares de ponta que propiciem a obtenção de efeitos benéficos nas bacias."

Histórias do Rio - Para quem não sabe, o Rio São Francisco foi descoberto em 1501 por Américo Vespúcio e é chamado o 'Rio da Unidade Nacional', por atravessar cinco estados e ligar o norte ao sul do país. Sua trajetória é peculiar, pois nasce no centro de Minas Gerais e orienta-se para o norte. Divide-se em quatro

grandes trechos: Alto Rio São Francisco (das nascentes até Pirapora (MG), Médio São Francisco (de Pirapora até a represa de Sobradinho), Sub-médio São Francisco (de Sobradinho até Paulo Afonso) e Baixo São Francisco (de Paulo Afonso até o Oceano Atlântico)

O Rio São Francisco também é uma fonte rica que integra homens e culturas no sertão, que vivem de suas águas e alimentam os mitos e as lendas locais. As histórias são as mais diferentes e têm a ver com cada área banhada pelas águas do Velho Chico. Muita gente jura que as lendas são verdadeiras, enquanto outros dizem que não passam de velhas histórias.

Caboclo d'Água - Uma das lendas trata do Caboclo d'Água. Conhecido como um gigante, que mora em uma gruta de ouro, nas profundezas do rio, o Caboclo d'Água tem a mania de perseguir os barqueiros, virar as embarcações e afugentar os peixes, para prejudicar a pesca. Reza a lenda que o chefe Guarapiru, líder de uma tribo de índios das margens do São Francisco, adorava se divertir com os brancos e decidiu se mudar para a cidade, apesar da oposição de sua família. Guarapiru caminhou junto ao rio e seguiu para a cidade. A noite chegou e o índio resolveu dormir às margens do rio. Ao amanhecer, foi acordado por uma canção estranha e viu um gigante em pé sobre uma pedra no meio do rio. Lá era a casa do monstro. Guarapiru guardou bem o lugar para voltar com uma expedição com os brancos e pegar uma boa quantidade de ouro.

O índio seguiu para a cidade e logo conseguiu fazer vários amigos. Graças a sua habilidade na caça e na guerra, foi nomeado oficial dos exércitos reais. Com o sucesso da expedição, Guarapiru concluiu que havia chegado a hora de buscar o ouro do gigante e se tornar chefe dos brancos. Reuniu, então, os voluntários. Enquanto se preparava para a expedição, foi procurado por uma velha índia que o aconselhou a não ir em busca do ouro. Para ela, o Caboclo d'Água já conhecia as intenções de Guarapiru, e o índio não conseguiria sair vivo do local.

Algumas questões sobre o projeto de transposição

- **Considerar o Rio São Francisco como pertencente à Bacia Amazônica**

O São Francisco é hidrologicamente pobre e tem uma vazão média de 2.800 m³/s. O Tocantins, com a mesma área da bacia, possui uma vazão média de 11.800 m. Na região do Semi-árido, seus afluentes são temporários.

- **Considerar insignificante o volume a ser retirado do rio** (pelo projeto corresponderia a 1% da água que joga no mar) - O cálculo deve ser feito levando-se em conta a vazão alocável de 360m³/s e não a vazão média do rio de 2.800m³/s. Considerando a vazão alocável e os usos existentes, a retirada de 127m³/s (requerido no projeto) pode significar 47% atual do saldo para consumo.

- **Não levar em consideração que o São Francisco é um rio de múltiplos usos** - Há diversos trechos onde a navegabilidade está prejudicada pelo assoreamento.

- **As águas serão transportadas para regiões do nordeste onde já são abundantes** - Castanhão (CE) receberá 6,7 milhões de m³; Armando Ribeiro Gonçalves (RN) receberá 2,4 bilhões m³. As regiões do Seridó (RN) e Inhamuns (CE) não serão beneficiadas pelo projeto.



O aviso da velha índia não o fez desistir da idéia. Na tarde do mesmo dia, a expedição partiu rumo à gruta do gigante. Quando os homens começaram a se preparar, perceberam que o chefe Guarapiru havia desaparecido. Após muita procura, encontraram o corpo do índio sob umas pedras, quase enterrado no lodo do rio. Caboclo d'Água havia apanhado Guarapiru e o arrastado para as profundezas das águas do Rio São Francisco.

Mãe d'Água - O outro mito é a Mãe d'Água. Diz a lenda que os barqueiros acreditam que o Rio São Francisco dorme à meia-noite por dois ou três minutos. Nesta hora, ele pára de correr; as cachoeiras páram de cair; os peixes deitam-se no fundo do rio; as cobras perdem o veneno e as pessoas que morreram afogadas seguem para as estrelas e a Mãe d'Água, uma espécie de sereia, procura uma canoa para sentar e pentear seus longos cabelos.

Os barqueiros tomam cuidado para não acordar o rio, porque, segundo a lenda, quem o fizer, pode ser castigado pela Mãe d'Água, pelo Caboclo d'Água, pelos peixes, pelas cobras e pelos afogados. Mas havia um barqueiro que não acreditava nessa história e fez uma aposta com os amigos. Ele disse aos companheiros que iria tomar banho no rio à meia-noite. Para surpresa e espanto de todos, a insistência do moço levou à aposta. Muitos pediram para que ele desistisse da idéia, mas nada o fez mudar.

O jovem se preparou para mergulhar, mas já estava arrependido do compromisso. Respirou profundamente e saltou, quebrando o cristal das águas paralisadas e desaparecendo.

Após alguns minutos, todos olhavam ansiosos para as águas, quando, de repente, surge o mergulhador. Era ele, não havia dúvidas, mas havia algo estranho. Os companheiros do moço gritaram, chamaram e, com um olhar vazio, ele ficou andando pelo barco sem destino, quando, com um salto, mergulhou nas águas novamente. Conta a história que o jovem desapareceu e nunca mais voltou.

Minhocão — Conhecido como uma serpente gigantesca, fluvial e subterrânea, que solapa cidades, desmorona casas, naufraga as barcas e assombra os pescadores e viajantes. O monstro é a réplica da boiúna ou cobra grande, dominado pelo pavor e sem seduções de Mãe d'Água ou sereia.

De acordo com os barqueiros; é “um bicho enorme, preto, meio peixe, meio serpente, que sobe e desce o Rio São Francisco, perseguindo as pessoas e as embarcações”. Muitos já o viram tomar forma do peixe surubim com um tamanho assustador, enquanto outros já o viram como um pássaro grande, branco, com um pescoço fino e comprido, parecendo uma minhoca. Talvez seja por isso que ele se chama minhocão, segundo os depoimentos dos barqueiros. ■

O PESCADOR E AS PEQUENAS
CONSTRUÇÕES DE PAU-À-
PIQUE SÃO PAISAGENS
COMUNS ÀS MARGENS DO
SÃO FRANCISCO.

AS FOTOS DESTA MATÉRIA
SÃO STILL DO FILME “SÃO
FRANCISCO, UM RIO CHEIO DE
HISTÓRIA”, DE MARCUS
VINICIUS CEZAR

Grupo de estudos on-line

Prática docente é tema de **debate em comunidade virtual** criada por professores da Rede

Para fazer o seu próprio grupo de discussão on-line é preciso ter uma conta de e-mail do Yahoo (www.yahoo.com.br) e acessar o endereço <http://br.groups.yahoo.com>. Siga passo a passo as instruções do site e selecione a categoria mais adequada, descreva a função e o perfil do seu grupo. Está pronta a sua lista de discussão. Agora basta convidar novos membros para fazer parte da sua lista e trocar informações. O serviço é gratuito.

A idéia surgiu há dois anos, após um curso de "Projeto Aprendizagem", na MULTIRIO, no qual a coordenadora pedagógica da 9ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e professora regente da 10ª CRE, Alzira Teixeira da Silva, passou a discutir a possibilidade de ser criado um grupo de estudos entre professores da rede pública do Rio de Janeiro.

Mas se há dois anos era apenas um projeto, já em outubro de 2004, o grupo iniciou o debate on-line, que se tornou indispensável entre os professores participantes. Foi criada uma **lista de discussão** de e-mails, na qual os integrantes trocam informações, idéias e dúvidas pela internet. No começo do grupo, havia cerca de 40 pessoas das 9ª e 10ª CREs. Hoje, o grupo se expandiu e o número de pessoas conectadas

aumentou. Tanto é que Alzira já está reorganizando as atividades do fórum.

Voltado, inicialmente, para o debate de temas ligados à alfabetização, o projeto, atualmente, serve à discussão de assuntos variados ligados à prática docente. "Ano passado tivemos uma tempestade de idéias, com assuntos o mais diversificados possível. Fomos ganhando apoio e trabalhando em cima das dúvidas dos membros do grupo", ressaltou Alzira.

Reformulação - Para este ano, esperava-se trabalhar um tema diferente a cada mês. No entanto, a dificuldade de muitos professores em utilizarem o computador, pela inexperiência em informática, dificultou essa expansão. No momento, há um período de reformulação do projeto,



O GRUPO DE ESTUDOS VIRTUAL É COMPOSTO POR PROFESSORES DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL

numa proposta voltada para descobrir como dar continuidade ao grupo, que vem discutindo questões como a utilização da mídia na educação, a presença da tecnologia atual, as dúvidas e as sugestões de professores, entre outros assuntos.

“Os professores contam suas experiências na escola e apontam alguns problemas. Então, buscamos formas para enfrentar a situação exposta. Além de ser um prazer, é um projeto muito proveitoso”, disse a coordenadora. Todos os integrantes têm um compromisso com a eficácia do grupo, que criou um espaço fora da escola, no qual as pessoas trocam idéias, indicam textos e livros, dão dicas e buscam novidades.

Uma das principais conquistas dessa iniciativa é o encontro virtual, pois dificilmente haveria

um horário para um encontro presencial, que pudesse ser viável para cada membro do grupo. “Quando os professores têm alguma dificuldade, mesmo sendo de diferentes áreas e lugares, podem trazer contribuições através dos e-mails, e, assim, ajudam no crescimento do projeto”, afirmou Alzira.

O grupo é moderado pela especialista em tecnologia da educação Luciane Sato, que viabilizou a criação técnica do fórum. Embora a idéia dos participantes do grupo não seja de ampliar ainda mais a lista de membros, a professora Alzira pede a quem se interessar entrar em contato pelo e-mail alziratnsilva@hotmail.com, enviando uma proposta de ingresso no grupo e citando sua área de atuação. O pedido será avaliado. ■

Comunidades virtuais

Acesso ilimitado a informações, troca de experiência e produção de textos são algumas facilidades que a internet nos propõe. Estas atividades podem ser realizadas por meio de comunidades virtuais, que agrupam pessoas para discutir sobre um tema comum. Para facilitar a sua atualização, conheça alguns termos utilizados por esta verdadeira revolução da comunicação:

Correio eletrônico: permite que o usuário envie e receba mensagens de qualquer parte do mundo, utilizando um provedor pago ou gratuito, que fornece um endereço eletrônico.

Fórum: é um espaço para discussão on-line, no qual é preciso se inscrever ou receber um convite para participar. Os fóruns nem sempre acontecem em tempo real.

Chats: são salas de conversa na internet, para quem quiser bater papo em tempo real com outros usuários. Os temas dos espaços são os mais variados possíveis.

Listas de discussão: requer que o usuário se inscreva ou seja convidado a participar, e passa a ter o seu e-mail incluído em um grupo de endereços, no qual os integrantes trocam idéias e informações.

Programas de mensagens: (Messengers) permitem uma comunicação direta entre duas pessoas em tempo real. Para participar destes programas, basta entrar em sites que oferecem o serviço gratuito, como o MSN (www.msn.com.br) e o ICQ (www.icq.com.br).

Site: possibilita que qualquer usuário se torne autor de textos, artigos, poemas, vídeos, desenhos, fotografias, entre outros. Os sites têm uma estrutura complexa e elaborada, e precisam, portanto, de mais tempo e atenção para serem construídos. Há serviços que oferecem este espaço gratuito na rede, e, geralmente, podem ser encontrados nos servidores de acesso à internet.

Blog: ou weblog é um registro freqüente de informações na rede. Muitas pessoas utilizam os blogs como diários pessoais com opiniões, comentários, textos, poesias, entre outros. O usuário, no entanto, não precisa entender sobre construção de páginas na internet, como é requerido para a elaboração de um site.

Fotolog: ou Fotoblog é um tipo de blog, mas com uma versão de álbum de fotos. Há, também, espaço para que o internauta digite um texto-legenda ou uma história da foto exposta. Há serviços gratuitos, como o www.fotolog.net.

Saiba mais

Abead – Associação Brasileira de Estudos do Álcool e Outras Doenças
www.abead.com.br
Tabaco Não
www.tabaconao.com.br
Secretaria Nacional Antidrogas – Senad
www.senad.gov.br
Pauta Antidrogas
www.pautaantidrogas.com.br

“Nossos comerciais, por favor!”

Professora e pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rita Ribes tem pautado seus estudos pela relação que estabelecemos com a mídia. Seu foco é a publicidade (ver artigo da página 24), especialmente a influência que as campanhas publicitárias exercem no público infante-juvenil. Convidada do programa de estréia da nova série Encontros com a mídia, exibido pela MULTIRIO desde o início do mês passado, Rita Ribes acredita que foi a partir da década de 1980 que as crianças se tornaram alvo das peças de publicidade. Como ela explica na entrevista, vivemos num mundo regido pela lógica do desejo, que tem na fórmula “compre...compre...compre” seu maior aliado. De chocolate a computador, passando por roupas e bicicleta, as crianças e os jovens são clientes potenciais do mercado. Fato que tira o sono de muitos pais e especialistas de diversas áreas, que se perguntam quais as fronteiras da publicidade e que conseqüências a exposição direta a campanhas na TV pode trazer para o desenvolvimento de crianças e jovens. Nas ruas, as opiniões variam, como constatou a equipe de produção do programa Encontros com a Mídia, que coletou uma série de depoimentos sobre publicidade na TV, alguns deles reproduzidos abaixo.

“A programação da TV está mais abrangente, já melhorou muito, principalmente no que diz respeito a preconceitos. É legal certas propagandas usarem a gordinha para vender *lingerie*, por exemplo. Não pode haver uma censura, mas também acho que tem que ensinar a criança a ter discernimento”.



Miriam Villa Lemos



“A estrutura familiar deve assistir com a criança a televisão para poder discutir, saber o que está passando. Não é jogar a criança na frente da televisão e sair, tem que assistir junto”.

Cláudia Pereira da Silva



“Se estou assistindo desenho há cinco horas, e, de repente, passa uma propaganda de lançamento de um desenho novo às 18h30, já fico ligado e vejo o comercial. É assim que descubro vários desenhos novos. E as propagandas vendem muitas coisas, coisas até demais. Por exemplo, você já tem o necessário, e elas estão vendendo mais coisas sempre, o que elas querem é que você compre. Elas montam um comercial bem elaborado para você querer comprar este produto, mesmo sendo caro.”

Pedro Henrique Cruz – 12 anos

“Quando aparece uma propaganda dizendo para consumir, a gente não tem como falar não pro filho. A criança vê um DVD, tem um lá que assiste o filme e fica com aquilo tudo, a criança vira e diz: “mãe, se eu passar de ano, ganho um DVD?”. Acho que devíamos falar, “olha, isso tudo é muito bonito, mas não insiste com a mamãe não, a mamãe só dá se puder”. Natal é uma coisa de doido, você tem que comprar, se você não comprar, a criança fica com a cabeça baixa. “Meu amigo tem, pois é, só eu que não ganhei e a minha amiga ganhou, vou na casa da minha amiga brincar com ela”. Então você acaba entrando numa prestação para não deixar sua filha mal. E se não é o modelo que anunciou na televisão, ela não quer.”

“A mídia reproduz valores, a mídia reproduz preconceitos, a mídia reproduz muita coisa. Se a gente quer uma mudança na sociedade, ou alguma outra coisa diferente, tem que discutir muito essa mídia, porque a criança está ali.

Se aparece um anúncio que mostra um cara que toma guaraná e beija todas as mulheres na boca e um adolescente vê, como é isso? No mesmo lugar beijar todas as meninas na boca? O que esse anúncio quer passar, pergunto eu? Você tem que beijar todas as meninas?”



Catia Porto Corrêa

“Gosto muito das propagandas, sou o contrário de muitas pessoas. Se estou assistindo televisão com a minha família, e, na hora do intervalo, saem mudando de canal, não gosto. Adoro ver as propagandas. Gosto de assistir e descobrir algo que quero por um bom preço. Se eu sei que não tenho condição de comprar, peço quando está perto do Natal ou aniversário, mas se não deu, não deu. Encaro assim. Mas, às vezes, me sinto excluída do pessoal, porque todo mundo tem aquilo e eu não tenho.”



Maria Aparecida Ferreira



Thais Dantas – 11 anos



“Ultimamente tem aparecido muitas propagandas de roupas e objetos. E o jovem vai muito pela cabeça dos outros. Se uma propaganda ‘atrai’ um amigo, então esse amigo usa e o jovem vê que tá virando moda, que está aparecendo muito na televisão, e usa também. Tem jovem que segue os outros e tem o jovem que pensa sozinho.”

Renan Santos – 17 anos

Sonho de consumo: um

Num local público um homem jovem, barba aparada e muito bem vestido carrega pendurado na altura do peito um pedaço de papelão com os dizeres: “Tenho chalé com piscina e um BMW X5, utilizo o gymMaster2000 e vou indo muito bem com minha amante. Por favor, ajudem-me”. Esse grito de socorro nada convencional é um dos anúncios da ONG Consuma até morrer, formada por publicitários que resolveram fazer uma crítica severa – porém bem-humorada – dos sentidos da sua própria profissão, **investindo contra o furor insaciável do consumo de objetos, mas também de recursos naturais e um modo de vida padronizado, embalado e despachado para os quatro cantos do planeta por meio da globalização.** Para quem pensa que o nome da

ONG carrega um certo exagero, uma lógica quase sarcástica é utilizada para a explicação: “Nascido para consumir... Consuma até morrer”.

A condição humana atual parece enfrentar um dilema: tomar as rédeas de seu próprio destino



mundo transformável

enquanto sociedade politicamente organizada ou abandonar-se à passividade diante de um processo de degradação da cidadania que pode acabar consumindo vorazmente seu próprio futuro.

A escola, diante disso, assume novas responsabilidades e, nos dias de hoje, tem como uma de suas funções importantes o fortalecimento da capacidade de seus alunos constituírem-se como pessoas “iguais mas diferentes”, pois além de direitos e deveres em comum, possuem também legítimos desejos, sentimentos, histórias e sonhos muito peculiares, contraditórios e complexos. Portanto, devem fazer valer suas escolhas, tomar suas próprias decisões. Ou seja: tomar consciência de sua cidadania para não correrem o risco de tornarem-se meros consumidores em busca interminável por satisfação. O desafio consiste em encontrar, em sala de aula, formas de trabalhar dia a dia um futuro de cidadania que possibilite uma postura crítica à lógica cotidiana do “nascido para consumir”.

O desafio é imenso. Afinal, como ressaltou o sociólogo polonês Zygmunt Bauman: “A cultura da sociedade de consumo envolve sobretudo o esquecimento, não o aprendizado”.

Em seu livro para o Ensino Fundamental “Nova História Crítica”, o professor Mário Schmidt usa uma ilustração irônica para o capítulo sobre o capitalismo desenvolvido, mais especificamente para um trecho que fala do neoliberalismo. Numa cena típica da tragédia da fome africana, um homem negro e muito magro segura uma colher vazia, olha para a câmera do fotógrafo e diz, por meio da montagem com um balão de fala: “Aí, galera! Viva o capitalismo neoliberal! Eu me amarro em consumir”. Páginas à frente, uma fotomontagem semelhante mostra uma criança subnutrida, apoiada no chão, dizendo: “Pô, ainda bem que meu país não é socialista. Se fosse, eu não seria livre para comprar automóvel importado”.

São exemplos drásticos que não nos deixam esquecer que a maioria da humanidade está alijada

do padrão de consumo do homem que pede socorro na campanha publicitária da ONG espanhola. Longe disso. O episódio recente das crianças indígenas mortas prematuramente está aí para demonstrar que o consumo pressupõe o acesso ao objeto de consumo – no caso, comida e água – e que para ser consumidor é preciso ter um mínimo de condição econômica. Hoje, segundo o Instituto Worldwatch, apenas 28% do número de pessoas em todo planeta integra de fato o mundo da sociedade de consumo. No Brasil de 170 milhões de habitantes, 58 milhões têm poder aquisitivo para garantir a satisfação das necessidades mais básicas – apenas 33% da população. Enquanto para uma parcela da humanidade o consumismo parece um problema grave, para a maior parte dos seres humanos consumir mais pode ser uma questão de sobrevivência.

“Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formatação original da representação que terei de mim mesmo.” (Mikhail Bakhtin)



imagens do site www.consumehastamorrir.org

“Consumir e sobreviver reforçam-se mutuamente. Pois tanto o consumo quanto a sobrevivência dependem do grau de inserção do sujeito na dinâmica acelerada imposta pela união da tecnociência e do capital global. Para sobreviver, bem como para consumir, é preciso correr contra a crescente obsolescência programada que as ondas tecnológicas e a altíssima rotatividade do capital reservam para pessoas, processos e produtos. Para sobreviver, bem como para consumir, é preciso se antecipar.”
(Laymert Garcia dos Santos)

Saiba mais

Filmes:

Super Size Me
O Dia Depois de Amanhã
Aos Treze

MULTIRIO:

Encontros Com a Mídia
(programas 1 e 2)

A solução freqüentemente apontada para tal discrepância entre consumismo e pobreza seria um esforço para estender aos excluídos maior capacidade de adquirir bens e serviços. Uma possibilidade tanto remota quanto insustentável, uma vez que estudos apontam que se os hábitos de consumo de um bilhão e setecentos milhões de pessoas fossem estendidos a toda a população mundial o planeta simplesmente não agüentaria tamanha demanda por água, energia, minerais, madeira e outros recursos naturais. Além disso, a sociedade em geral, e os professores em particular, precisam avaliar se os projetos para o futuro devem se pautar exclusivamente pela questão do acesso de um número cada vez maior de seus membros aos padrões da parcela da sociedade que realmente consome.

Durante a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada em abril de 2004 no Rio de Janeiro, o sociólogo argentino Néstor García Canclini lamentou o fato de que “os jovens de hoje não se interessam pela história e são indiferentes às pessoas que falam do futuro”. Canclini, autor do livro “Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais na globalização”, afirmou que o resultado é “a perda do sentido social e da identidade”. O que caracteriza a sociedade de consumo não é a constatação óbvia de que todos consumimos ou desejamos consumir – consumimos e necessitamos consumir desde tempos imemoriais; o que a caracteriza é o vínculo valorativo que o indivíduo mantém com seus semelhantes e com o mundo em que vive, por meio do qual constrói sua identidade: o vínculo do consumo.

A globalização econômica e cultural leva esta maneira de se organizar socialmente e de se

constituir individualmente às últimas consequências. Assim, a tônica do projeto de engajamento da sociedade de consumo parece ser: “Consumo, logo existo!”. Eis a questão: consumir, hoje, não significa apenas comprar o celular que tira fotos, manda e-mails e, nas palavras da própria peça publicitária do fabricante, ‘até realiza ligações’. O consumo na sociedade de consumo vai além. “Compramos” também idéias, conceitos, preconceitos, emoções e prazeres; “Devoramos” as reservas de água, as florestas e as fontes de energia do planeta.

Para além do desejo por um objeto específico – ou da tendência em transformar tudo em objetos “consumíveis” – tratamos de alimentar nossas expectativas, sonhos e projetos para o futuro alicerçados sobretudo na perspectiva de nos transformarmos em consumidores mais eficientes do que somos. O consumo de bens, serviços e recursos naturais é imprescindível para a satisfação dos indivíduos e da coletividade. Mas a lógica da sociedade de consumo é não apenas realimentar anseios, mas também expandir indefinidamente os parâmetros sociais de satisfação. As consequências disso não se resumem ao perigo de a criança ou os pais serem realmente hipnotizados pelo chocolate balançando à sua frente enquanto uma voz ao fundo ordena: “Compre... !”.

No entanto, esta expansão do imperativo do consumo como pré-requisito para a existência social jamais esteve desacompanhada de posturas resistentes. Numa cena do recente filme “Brilho eterno de uma mente sem lembranças” a personagem principal fala do Dia dos Namorados como “uma



data inventada pelas operadoras de cartão de crédito". Uma crítica bastante comum, e que não é de hoje. Já nos agitados anos 1960 uma canção de protesto de Janis Joplin pedia a Deus uma Mercedes-Benz, já que "todos os meus amigos têm Porsches". Os anos rebeldes das mobilizações operário-estudantis assistiram a um grande movimento de repúdio à sociedade de consumo. Um cartaz na Universidade de Paris dizia: "A revolução que se inicia colocará em dúvida não apenas a sociedade industrial. A sociedade de consumo deve morrer uma morte violenta. A sociedade alienada deve desaparecer da História. Estamos inventando um mundo novo e original. A imaginação vai tomar o poder".

A revolução não aconteceu, pelo menos como se esperava. As mudanças dos costumes não impediram que a sociedade de consumo, dos anos 1960 aos dias atuais, expandisse seu engajamento e sua sedução tanto para uma quase totalidade geográfica quanto para uma quase totalidade de mentes e corações. O casamento das novas tecnologias com os princípios do liberalismo econômico concedeu ares de verdade científica às receitas provenientes daqueles que comandam o mercado mundial de oferta e consumo, deu origem ao chamado "pensamento único" e garantiu a este mercado a primazia das decisões que realmente afetam o destino dos povos. O engajamento dito "livre e espontâneo" dos indivíduos na sociedade de consumo compromete a liberdade do engajamento coletivo nas decisões sobre seu próprio futuro? A condição de cidadão está sendo reduzida à de mero consumidor? Onde foi parar a cidadania?

Público e privado - Autor do livro "Cidadania no Brasil: o longo caminho", o historiador José Murilo de Carvalho diz que com a globalização há uma alteração na prática política: "O cidadão hoje é mais ativo como consumidor de produtos e serviços do que como eleitor, militante de partidos, movimentos sociais, ONGs, etc. Não é um mal que as pessoas se mobilizem para defender seus direitos de consumidor. Pode ser mesmo um aprendizado para a defesa de outros direitos. O mal é as pessoas se limitarem a esse lado receptivo da participação, negligenciando a dimensão interventora que tem a ver com a formação do governo e a feitura das políticas públicas".

"O consumo surge como modo ativo de relação (não só para com os objetos mas ainda para com a coletividade e o mundo), como modo de atividade sistemática e resposta global, que serve de base a todo o nosso sistema cultural." (Jean Baudrillard)

As oito necessidades dissimuladas

O jornalista Frank Mazoyer escreve no "Le Monde Diplomatique" sobre os resultados das "pesquisas de motivações" realizadas por institutos financiados por grandes empresas desde a década de 50 do século passado: "Para um produto ser comprado sem reticência, deveria responder a oito necessidades dissimuladas: tem que satisfazer o narcisismo do consumidor, trazer-lhe esperança emocional, assegurar-lhe que o merece, inseri-lo em sua época, dar-lhe um sentimento de poder, imortalidade, autenticidade e, finalmente, de criatividade. Agindo nestes diferentes níveis, distribuidores e publicitários fariam com que seus produtos fossem adquiridos não por sua real utilidade, mas pela "falta" que eles prometem preencher. Destas pesquisas nasceria um conceito comercial conhecido de todos: os supermercados. Uma imensa escolha, prateleiras a perder de vista, uma avalanche de cores e luzes. São tantos elementos que acabam por diminuir o consumidor, fazendo-o perder suas referências. E que acabam incentivando as "compras impulsivas". Mazoyer cita ainda o autor do livro "A persuasão clandestina", Vance Packard: "Nas mercearias, onde há vendedores, as compras caem pela metade. Face a um vendedor, o cliente pensa no que realmente precisa".

“Uma estruturação planejada de ensino que leve em consideração a necessidade da elaboração de sentidos para conceitos como cidadania e liberdade pode fazer tanta diferença quanto a educação para um consumo consciente, ou mais”

Mas “o mal” é um risco que se observa no cotidiano. Hoje é muito mais fácil encontrar pessoas ligando de seu telefone particular para órgão de defesa do consumidor, a fim de reclamar dos abusos sofridos no dia-a-dia, do que manifestações coletivas de protestos por educação, saúde ou contra o desemprego. Por que tantos problemas privados não desembocam mais em protestos públicos

coletivos? José Murilo diz que “a globalização afeta negativamente o conteúdo e o exercício da cidadania. A redução do poder dos estados nacionais reduz automaticamente o poder de seus cidadãos. O crescimento do poder das forças do mercado também limita o campo da política, terreno do exercício da cidadania”.

Uma alternativa que a sociedade civil tenta contrapor a esta limitação em tempos de globalização são as organizações não-governamentais que giram em torno da idéia de consumo socialmente responsável. Conceitos como “consumo consciente” ou “consumo cidadão” balizam iniciativas cujas causas vão desde o planejamento minucioso das compras para evitar o consumo por impulso à preocupação com

o consumo desenfreado dos recursos naturais – passando por recomendações aos jovens para que troquem passeios em shoppings por caminhadas em trilhas ecológicas. Este movimento acompanha a tendência que marca as estratégias de marketing desenvolvidas sob o slogan de “responsabilidade social das empresas”. É como se uma empresa tida como socialmente responsável recebesse um selo de qualidade a mais para seus produtos, uma garantia a mais de lucros e fatias de mercado assegurados pelo engajamento do “consumidor consciente”.

Resta saber se o cidadão-consumidor-consciente está abdicando de seu direito, de seu dever de tomar parte nos processos políticos de decisão sobre as questões que envolvem seu futuro para se limitar a exigir nota fiscal, ler as entrelinhas dos contratos, pechinchar em busca do menor preço, economizar água e energia e priorizar os produtos de “empresas-cidadãs”. Iniciativas importantes, mas que não abrangem o sentido público da cidadania como, por exemplo, a exigência de que também o Estado cumpra seus deveres, e elabore políticas públicas para além da luta contra o desemprego estrutural da sociedade de consumo ou dos incentivos à “expansão do mercado consumidor”.

Ou seja: qual cidadania? O professor José Murilo lembra que “pesquisas feitas, inclusive no Rio de Janeiro, indicam que o fator mais relevante para explicar a consciência e o envolvimento político

Saiba mais

Livros:

Cidadania no Brasil: o longo percurso, de José Murilo de Carvalho (Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001)

No Logo, de Naomi Klein (Record, Rio de Janeiro, 2002)

Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais na globalização, de Néstor García Canclini (Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1999)

Em busca da política, de Zygmunt Bauman (Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2000)

O vestígio e a aura – corpo e consumismo na moral do espetáculo, de Jurandir Freire Costa (Garamond, Rio de Janeiro, 2004)

Liberdade, igualdade, fraternidade

“O tema da cidadania deixou-me por muito tempo não indiferente, mas ambivalente. Como sociólogo, eu só podia conhecer sua importância como pano de fundo, em uma sociedade em que o vínculo social e a capacidade de viver em conjunto são cada vez mais débeis. Mas me causavam, e ainda me causam, exasperação os efeitos do modismo e o aspecto encantatório dos apelos a uma ‘educação para a cidadania’. Como se fosse possível, por um mero adendo ao currículo ou por um retorno à boa e velha educação cívica, com um *look* um pouco retocado, tornar os seres humanos desejosos e capazes de viver em democracia. Liberdade, igualdade, fraternidade: certamente, esses são valores que se ensinam, mas não da boca pra fora, entre a gramática e a álgebra. Se a intenção é que a escola retome seu papel de ‘cimento’ da sociedade, façamos disso uma prioridade e asseguremos a ela as injunções e os meios necessários.”

Trecho do prefácio do livro Escola e cidadania, de Philippe Perrenoud

das pessoas é a educação. Mais educação, mais conhecimento, mais envolvimento”.

Sonhos e liberdade — Quando de sua última visita ao Brasil, em 2004, o suíço Philippe Perrenoud, autor do livro “Escola e cidadania”, falou sobre o papel do Ensino Fundamental: “Educação básica realmente não prepara para o exercício de uma profissão, mas para a prática da cidadania, da vida social, associativa, sexual, amorosa e familiar. Todas essas vidas são muito importantes, e é possível associar a educação fundamental a elas”.

Tanto a relação do indivíduo com a sociedade de consumo quanto o exercício pleno da cidadania inscrevem-se no futuro como possibilidades transformadoras por meio da educação. Néstor García Canclini costuma dizer que “o consumo serve para pensar”, e em sua conferência na 4ª Cúpula se disse preocupado com alguns professores que tendem a ver a mídia como inimiga da escola: “A educação formal precisa das telas de televisão e dos computadores para se vincular com a vida cotidiana dos estudantes”, e em seguida advertiu: “Mas nem o controle remoto nem o mouse organizam a diversidade cultural ou desenvolvem opções de vida inteligente”.

Antes do controle remoto e do mouse, cabe ao professor desenvolver durante os momentos da vida escolar o espírito crítico de seus alunos. O padre francês François Brune resumiu assim a mensagem implícita da globalização de um modelo econômico e cultural: “Ensinar que o mundo é consumível, e não transformável”. Instigar em crianças e jovens uma resistência a este estímulo à passividade pode representar a verdadeira formação de cidadãos. Brune, aliás, repassa no jornal “Le Monde Diplomatique” uma experiência relatada pelo lingüista Alain Bentolila:

“Uma publicidade contra o cigarro é apresentada a quarenta crianças, de quatro a cinco anos. A mensagem não poderia ser mais clara. Um adolescente oferece um cigarro a uma garota e ela o destrói dizendo: ‘um pouco de liberdade conquistada’. Po-



rém, à pergunta feita: ‘o que quer dizer esse filme, por que ele é passado na televisão?’. Trinta e oito crianças responderam: ‘isso quer dizer que cigarro é bom, é preciso fumar’. O que expressa tal contrassenso? Demonstra simplesmente que a ideologia já está moldada no espírito da criança de cinco anos. Para ela não há dúvida: 1. É um filme curto, é transmitido entre os programas, logo é uma publicidade; 2. Nessa publicidade se fala de cigarros: logo, trata-se de um produto; 3. Se falarmos de um produto em uma publicidade, só pode ser para falar bem dele. Logo, é bom fumar...”.

Um famoso slogan publicitário no Brasil associa determinada marca de cigarro à liberdade e a uma “questão de bom senso”. Como se posicionar diante dessa maneira de enxergar o cidadão livre e consciente? Uma estruturação planejada de ensino que leve em consideração a necessidade da elaboração de sentidos para conceitos como cidadania e liberdade pode fazer tanta diferença quanto a educação para um consumo consciente, ou mais. Afinal, as crianças escutam frequentemente que o futuro do país pertence a elas, e a escola tem o dever não apenas de oferecer as ferramentas para esta missão, mas também de ensinar a lutar pelo direito de construir seu próprio amanhã.

PARA O PESQUISADOR MEXICANO NÉSTOR GARCÍA CANCLINI O ATO DE CONSUMIR ENVOLVE PROCESSOS SOCIOCULTURAIS MAIS AMPLOS, ONDE SE CONSTRUEM AS IDENTIDADES NESTE MUNDO PÓS-MODERNO

“O destino do mundo não está sendo regido pelas vontades coletivas, mas por vontades particulares curvadas ao dinheiro, à riqueza, ao lucro. São táticas de governabilidade mundial, nas quais as sociedades aparecem protegidas pelas intervenções. Todos estão supostamente implicados no interior dessas novas dimensões: nossa responsabilidade ética, nossa cidadania, nossa potência e nossa impotência encontram aí sua medida.”
(Robert Kurz)

Saiba mais

Sites:
www.consumehastamorrir.org
www.nologo.org
www.multirio.rj.gov.br/seculo21
www.multirio.rj.gov.br/riomidia/
www.riosummit2004.com.br

Pierre Bourdieu, ativista e sociólogo francês com vasta produção na área de educação, dividiu o conhecimento em duas categorias: cínico e clínico. O saber cínico seria aquele apático em relação aos problemas do mundo, sendo utilizado apenas para tirar vantagem das regras do jogo de uma vida que não poderia deixar de ser como é. Por outro lado, o saber pode ser usado de forma clínica para, por meio da percepção da

realidade e do funcionamento da sociedade, posicionar-se de forma crítica e atuar na transformação daquilo que seria injusto, prejudicial ou ameaçador a um futuro autônomo. Para o professor, o risco de formar meros consumidores cínicos não pode ser maior do que a chance e a obrigação de formar cidadãos “clínicos”, e contribuir para que os sonhos de hoje e de amanhã não sejam apenas sonhos de consumo. ■

artigo

Rita Ribes*

O desejo e o consumo

Ninguém deseja aquilo que já tem. Porque o desejo está ligado ao que nos falta, à incompletude que nos torna humanos e que impulsiona nossos projetos de vida. Somos constituídos pelo que nos falta. Por isso sonhamos, estudamos, trabalhamos, criamos, reinventamos o mundo e a nós mesmos. Entretanto, se o desejo é uma espécie de motor a nos conferir humanidade, por vezes, paradoxalmente, também nos desumaniza. Esse paradoxo ganha significativas proporções na sociedade de consumo. Por um lado, ao consumir movimentamos a economia e expressamos nossa singularidade; por outro, a exacerbação do consumo acaba por desencadear em nós desejos nada singulares, originados não na nossa história, mas na própria lógica do mercado. O desejo desvincula-se do objeto a ser consumido – seja ele qual for – e, tal qual Oroborus, a serpente mítica que morde sua própria cauda, o próprio ato de consumir transforma-se num permanente desejo.

As constantes inovações tecnológicas que caracterizaram o século XX desencadearam uma ruptura na estrutura econômica e cultural, tanto em termos da expansão, quanto da aceleração da produção de bens, gerando um deslocamento do eixo

da produção para o da reprodução e do consumo, inspirados na lógica da descartabilidade. Nesse contexto mudou não somente a relação que mantemos com as coisas, mas as próprias coisas mudaram – os objetos como que adquiriram vida própria, fetichizaram-se. Eles é que nos desejam, nos seduzem, nos conferem poder e felicidade provisória. Conseqüentemente, há uma modificação qualitativa dos modos com que os sujeitos se inserem socialmente, de como percebem a si e aos outros, mediados cada vez mais pela dimensão simbólica dos objetos.

Na cultura do consumo são eles, os objetos, que dizem quem somos nós. Que premissas cognitivas, éticas e estéticas derivam dessa verdade? Por isso mesmo, se as novas bases de compreensão do mundo passam necessariamente pela relação que mantemos com as coisas – e os modos de ser por elas sugeridos –, há que problematizá-las, para melhor compreender a nós mesmos. Essa é uma tarefa possível à escola: colocar em debate a cultura do consumo e os modos como ela se estrutura, inclusive dentro da escola. Ressignificar nossas experiências no mundo a fim de desencadear desejos mais humanizados.

*Licenciada em Filosofia pela UFPel/RS. Doutora em Educação pela PUC-Rio. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Uerj e do Curso de Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio.

Pólo de cidadania e educação



Centro Rinaldo De Lamare oferece **capacitação para moradores** de comunidades carentes

Às vésperas de completar um ano no dia 28 de junho, o Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare funciona a todo vapor e comemora o sucesso obtido com o projeto, que reúne 14 órgãos direcionados ao atendimento social das comunidades da Rocinha, Vidigal e Vila Canoas. Localizado num hotel desativado em São Conrado, a obra ocupa 8.000m² de ações sociais, distribuídos em 20 andares e 85 salas, que passaram por uma grande reforma, e, hoje, constituem um dos centros mais importantes da cidade.

As estimativas e os números garantem a qualidade do serviço oferecido gratuitamente à população. Atualmente, o projeto atende 29.331 pessoas nos diferentes órgãos municipais reunidos no centro de cidadania. Desde a sua inauguração, mais de 210 mil pessoas circularam pelo prédio, abrangendo desde crianças a idosos. Entre as atividades, destacam-se os trabalhos das secretarias municipais de Educação, de Habitação, de Saúde, de Assistência Social, de Trabalho e Renda, das Culturas; das secretarias especiais de Prevenção à Dependência Química e da Terceira Idade; e da Fundação Instituto das Águas. Há, também, a presença da fundação municipal Lar Escola Francisco de Paula (FUNLAR), da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), voltada para portadores de deficiência, da Obra Social da cidade, da MULTIRIO – Empresa Municipal de Multimeios, de projetos de

capacitação esportiva destinados a profissionais da área e atletas, como o do judoca Flávio Canto, e apoio à mulher, como o Rio Mulher.

“Falta espaço para podermos ampliar ainda mais, isso nos causa uma certa restrição. Temos um projeto vertical, com 20 andares, o que complica a expansão”, explica o gestor do projeto, Manuel Henrique Ribeiro. O Centro, no entanto, já é considerado um pólo social de capacitação e educação. “O edifício é um exemplo de atendimento padrão”, afirma o gestor.

Capacitação - A Obra Social do Rio de Janeiro oferece diversas atividades divididas em 26 cursos, como telemarketing, instalações elétricas, manicure, cabeleireiro, corte e costura, artesanato em biscuit, camareira, garçom, barman, entre outros, com 25 alunos cada, num total de 650 vagas. Para participar, basta fazer a inscrição no próprio local. Os projetos são multidisciplinares e visam à capacitação profissional dos alunos.

Para a instrutora das aulas de manicure, Marília Nascimento, de 27 anos, o principal trabalho do Centro Rinaldo De Lamare é oferecer uma noção ampla de cidadania para os membros das comunidades carentes, procurando, assim, desenvolvê-los e capacitá-los

Saiba mais

Centro de Cidadania
Rinaldo De Lamare
Ouvidoria: 3111-1027/
3111-1028/3111-1029
mhribeiro@pcrj.rj.gov.br

para o mundo competitivo em que vivemos. “Com meu trabalho procuro englobar o máximo possível, porque muitos jovens chegam até aqui com filhos, sem emprego e sem estudo. E, quando nos propomos a este trabalho, temos que passar uma noção geral de cidadania. Temos que ensinar desde o atendimento ao cliente, valores como cidadãos, até a parte técnica do curso. Os alunos aprendem o que estão fazendo e saem com uma profissão. O projeto nos permite fornecer essa estrutura. Mas não é apenas o ensino de uma profissão, as pessoas aprendem um pouquinho de tudo, saem bem preparadas e capacitadas para o mercado de trabalho”, explica Marlíia.

Outro serviço que encanta os moradores das comunidades, os próprios funcionários e os alunos de todos os cursos do prédio, é o Projeto Saúde Bucal. Numa época em que falamos de um “Brasil sorridente. A saúde bucal levada a sério”, uma parceria com o governo federal, o centro oferece palestras sobre higiene bucal para grupos mensais com cerca de 30 pessoas, além de tratamentos odontológicos, num espaço físico e com equipamentos capazes de fazer inveja a muitas clínicas privadas. “A procura é muito grande e abrimos pelo menos um grupo por mês. Fazemos palestras sobre higiene bucal e explicamos sobre o tratamento. Os pacientes

recebem um *kit* com escova, creme dental e fio dental, e ficam inscritos para o programa. Assim, quando abrem novas vagas, os tratamentos que necessitam urgência entram primeiro”, disse a dentista Giovana Passaline, de 28 anos. Somente em 2005, já ocorreram 7.655 procedimentos odontológicos.

Cultura - E, para quem pensa que as atividades param por aí, está enganado. O Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare oferece, também, um projeto destinado à terceira idade: a Casa Nana Sette Câmara, com sala de música; rodas de leitura; palestras; sala de lazer, conhecida como a “sala da vovó”, com livros, televisão e sofás para leitura; aulas de artesanato, inglês, espanhol, ioga, informática, teatro e dança de salão; música ao vivo, rodas de cultura e muito mais. O que não vale é ficar parado, afinal, são em média 137 atendimentos diários e 786 usuários fixos, que brincam, divertem-se, trocam experiências, ensinam, e, acima de tudo, aprendem que a terceira idade não chega nem perto de ser um bicho-de-sete-cabeças. “Além de ser uma oportunidade de revermos várias coisas, é, em primeiro lugar, um espaço para encontrarmos as pessoas”, relembra a terapeuta Virgínia Neves, de 50 anos.

Gerar ocupação e conhecimento é, portanto, um dos principais objetivos do Centro de Cidadania. Independente da faixa etária, os cursos e órgãos visam realizar a socialização dos beneficiados. Um exemplo disso é a presença da Escola Carioca de Empreendedores Comunitários e do Fundo Carioca, programas que buscam o incentivo e auxílio ao desenvolvimento e à geração de renda dentro das próprias comunidades.

O elenco das atividades dos órgãos municipais e projetos associados abrange desde a capacitação profissional dos moradores das comunidades carentes, ao atendimento de deficientes físicos, que podem participar de oficinas culturais, cursos pré-profissionalizantes e estudos especiais por meio da FUNLAR, da SMAS, e da Secretaria Municipal de Educação, que lá oferece um espaço destinado à Educação Infantil, com 500 alunos entre 3 e 6 anos de idade, à Educação Especial e ao Ensino Fundamental, com 210 alunos no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), acima de 16 anos. ■

Espaço MULTIRIO

Funcionando como um braço da Assessoria de Integração da MULTIRIO, o **Espaço MULTIRIO** iniciou as atividades no Centro de Cidadania no segundo semestre de 2004, com a intenção de divulgar o trabalho da MULTIRIO e atender a demanda da Escola Municipal Rinaldo De Lamare.

De acordo com as responsáveis pelo espaço, Maria Luiza Martins Pereira e Souza, de 50 anos, e Heliani Saviolo, de 55 anos, o projeto, atualmente, conta com cerca de 140 beneficiados, divididos em horários e grupos, na faixa etária entre 7 e 18 anos. O Espaço MULTIRIO busca, também, o desenvolvimento pessoal dos alunos e a qualificação dos professores.



Para Maria Luiza, com a diversidade e qualidade dos produtos da MULTIRIO é possível manter um compromisso com a informação e a valorização da cultura junto aos alunos e professores. Após cada atividade, há uma avaliação, que serve como um caminho para nortear a prática.

Prefeitura tem licença especial automatizada

Agilidade e melhor atendimento para os servidores públicos desde 29 de março

Os servidores públicos que levavam em média 113 dias entre o processo de requerer e usufruir a licença especial, um direito a três meses de licença a cada cinco anos de exercício efetivo, passaram a ter esse processo automatizado pelo Sistema de Recursos Humanos (ERGON) da Secretaria Municipal de Administração (SMA).

A resolução nº 1.213 de 29 de março de 2005 da SMA considera “a necessidade de racionalizar o processo de aquisição de licença especial, a fim de reduzir prazos e custos, e, conseqüentemente, atender cada vez melhor o servidor público”.

Segundo a coordenadora de Administração de Recursos Humanos Eliane Bastos, a automatização do processo levará a uma diminuição dos custos, pois não será mais necessário publicar a concessão no Diário Oficial, como era feito no método anterior. Além disso, os processos que estavam em andamento poderão ser efetivados mais rápido, após a análise da situação de cada servidor.

“A Secretaria de Educação, apenas em 2004, teve 1.773 pedidos de processos de licença especial, sem contar os que estavam em andamento”, resalta Eliane. A partir desta resolução os servidores públicos precisam apenas preencher um formulário e encaminhá-lo para o seu superior.

A concessão dos pedidos, no entanto, continuará sendo determinada segundo uma escala organizada pelo responsável da unidade administrativa a qual pertence o servidor requerente. O chefe



deverá autorizar e enviar o formulário para o ERGON, que irá conceder o pedido automaticamente na data solicitada.

A licença especial passa, portanto, a ser autorizada pelo sistema automatizado dos servidores, como já era feito com as férias anuais. O gerente de cadastro Gil Vicente de Souza, responsável pelo ERGON, disse que desde o início do sistema, em 2000, já havia uma previsão para este processo, mas somente agora foi implementado. “Está facilitando o nosso trabalho, pois não há mais necessidade das secretarias trabalharem nessa rotina, além de agilizar o serviço”, afirmou o gerente. ■

Saiba mais

Secretaria Municipal de
Administração
www.rio.rj.gov.br/sma

Formulário na internet

A nova versão do Sistema de Recursos Humanos (ERGON) dispensa a abertura de processo administrativo para a concessão da licença especial dos servidores públicos do Rio de Janeiro.

Com a automatização, basta preencher um formulário para requerimento da licença especial que pode ser encontrado no site da Secretaria Municipal de Administração. A página também disponibiliza um manual de instruções para facilitar o serviço.

Para sua atualização

Nova série da MULTIRIO trata da história e da cultura carioca

TV

Memórias Cariocas

Acaba de ser lançado pela MULTIRIO o programa Memórias Cariocas. Dirigida ao público em geral, a série utiliza uma linguagem informal para contar a história de lugares e costumes da cidade do Rio de Janeiro, que foi capital do Brasil desde os tempos coloniais, passando pelo Império e pela República. A idéia é mostrar a importância do passado para o Rio de hoje, e do Rio para o país.

Já foram produzidos cinco episódios – sobre o tradicional bairro de São Cristóvão, onde estão a Quinta da Boa Vista, a casa da Marquesa de Santos e construções da época de Dom Pedro II, sobre o Campo de Santana, a Praça XV, sobre a história da música na cidade, mostrando os ritmos peculiares e os principais compositores, e sobre a praia.

Aproveite o programa para trabalhar com seus alunos conceitos de preservação e de patrimônio cultural. O primeiro passo pode ser chamar a atenção dos alunos para o que está à sua volta, fazendo-os observar o bairro onde está localizada a escola – suas ruas, praças e monumentos. Pode ser feito um levantamento do local, observando suas construções, relevo e recursos naturais.

Proponha que eles se reúnam em grupos e montem painéis contando um pouco da história e da geografia do local. Uma boa idéia, também, é pesquisar fotos antigas e compará-las com a paisagem atual, identificando o que mudou, e como essas mudanças ocorreram.

Dê uma volta com os alunos pelo bairro. Eles podem se separar em grupos e conversar com moradores antigos e comerciantes. Eles podem anotar e depois, em sala, trocar as informações. A história oral é tão importante quanto a que se aprende em livros.

Preparar um jornalzinho com as informações coletadas e distribuir para os vizinhos da escola aproxima a comunidade ao trabalho desenvolvido pelos alunos, promovendo uma integração para além das salas de aula.

A idéia de registrar esta pesquisa por meio de vídeo enriquece muito o trabalho. Editar as fotografias, gravar as entrevistas ou mesmo utilizar recursos gráficos simples para projetar o futuro baseado em fatos ocorridos, pode resultar um trabalho digno de aparecer na TV.

Use e abuse das “Memórias Cariocas”. Mexa e remexa na memória da comunidade, no bairro onde está situada a escola dos seus alunos. Utilize diferentes linguagens para incrementar seu trabalho e dos seus alunos.



Saiba mais

BandRio

terças - 14h15; quartas - 7h15; domingos - 9h15

Net, canal 14

quartas - 10h15; quintas - 12h45; domingos - 8h45

Hora de produzir

Professores criam **produtos de diferentes linguagens** em encontros promovidos pela MULTIRIO

Com o objetivo de desenvolver uma leitura crítica da mídia e refletir sua importância no contexto atual e nas escolas, a Assessoria de Integração da MULTIRIO desenvolve, desde 2003, encontros e oficinas de mídia com os professores da rede pública do Rio de Janeiro. O projeto, destinado aos professores de Salas de Leitura, coordenadores pedagógicos e diretores adjuntos das escolas públicas municipais indicados pelas divisões de Educação das coordenadorias regionais de Educação, oferece oficinas de projetos de criação, além de encontros, que buscam analisar a mídia e refletir sobre o seu impacto na sociedade e divulgar os produtos da MULTIRIO.

Para participar dos encontros, os professores devem estar inscritos em pelo menos uma das oficinas oferecidas. De acordo com Irinéa Simone, da Assessoria de Integração da MULTIRIO, a meta do projeto, em 2005, é trabalhar com representantes

de 200 escolas, distribuídos por Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). “Nosso objetivo é promover, junto com os professores e diretores, uma reflexão sobre a mídia na educação e as mudanças que seu uso pode promover na escola”.

Ao participar das quatro oficinas - “Criação e produção de vídeo”, “Navegando e criando na internet”, “O texto jornalístico no cotidiano escolar” e “Montagem de rádio escolar” -, os professores passam a criar produtos para rádio, TV, publicações e internet. “Pretendemos produzir um produto ao final de cada oficina com cada grupo.” Este ano já aconteceram dois encontros e o próximo será sobre planejamento de projeto.

Teoria e prática - A coordenadora pedagógica Joelma de Souza Vieira participou, no ano passado, das oficinas de mídia e acredita que elas são



A ASSESSORIA DE INTEGRAÇÃO DA MULTIRIO JÁ INICIOU AS ATIVIDADES DAS OFICINAS DE MÍDIA



INTERNET E TEXTO
JORNALÍSTICO SÃO
ALGUMAS DAS OFICINAS
QUE A ASSESSORIA DE
INTEGRAÇÃO ESTÁ
OFERECENDO ESTE ANO

Conheça o trabalho da Assessoria de Integração

A Assessoria de Integração da MULTIRIO foi criada, em 2001, com o objetivo de expandir a interlocução entre a MULTIRIO e a Secretaria Municipal de Educação (SME), visando divulgar e analisar a qualidade e a adequação pedagógica dos produtos da MULTIRIO, além de incentivar a utilização das mídias no cotidiano escolar. Desta forma, a assessoria permite que a MULTIRIO tenha mais acesso ao perfil e às demandas de professores e alunos das escolas municipais.

O trabalho da Assessoria de Integração facilita, portanto, uma avaliação dos produtos divulgados e contribui para a utilização da mídia no contexto escolar. Neste diálogo entre a educação e a mídia, iniciaram-se encontros regulares em 2003, com dinâmicas para grupos de professores e coordenadores pedagógicos, que viabilizaram a elaboração das Oficinas de Mídia, numa parceria com núcleos da MULTIRIO.

Neste ano, o público-alvo das Oficinas de Mídia foi ampliado aos coordenadores pedagógicos e diretores adjuntos, mas continua priorizando os professores das Salas de Leitura, que têm como objetivo desenvolver projetos e atividades que abrangem toda a escola.

Em 2004, uma nova frente consistiu em coordenar grupos de professores para avaliar produtos indicados pelo núcleo de TV, Rádio e Cinema, além de coordenar o Espaço MULTIRIO no Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare. Pretende-se, portanto, promover discussões a favor do acesso pleno à mídia de qualidade para crianças e adolescentes da rede pública.

úteis, pois unem a prática e a teoria. “As oficinas são fundamentadas e funcionam como um suporte pedagógico da escola e nos ajudam a integrar os diferentes tipos de mídia no dia-a-dia de nosso trabalho”, afirmou a coordenadora.

A equipe do projeto espera que as atividades realizadas nas oficinas (produção de programa de rádio, TV, construção de blogs e textos jornalísticos) façam parte da prática do professor na escola, mesmo após o término dos encontros. A coordenadora pedagógica Joelma acredita que o resultado dessa iniciativa é a motivação das crianças, que “passam a produzir textos e a constituir conhecimentos a partir de cada produção, desenvolvendo a leitura, a escrita e a autonomia dos alunos”.

O projeto das oficinas é uma extensão das versões anteriores, mas neste ano há uma atualização. “A novidade é que no ano passado era trabalhada a totalidade da rede pública. Em 2005, houve uma sugestão para que a Coordenadoria Regional de Educação (CRE) escolhesse 200 escolas localizadas em áreas da cidade com os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH)”, disse Irinéa. ■

Variação lingüística e textos escolares

As línguas humanas estão em constante processo de mudança, que, segundo Paiva e Duarte (2003:13), “se propaga de forma gradativa e implica períodos mais ou menos longos de variação em diversos eixos sociais”. Isso significa que, antes de uma mudança ocorrer em determinada língua, há um período de variação, com duas ou mais variantes coexistindo no sistema. É o que está ocorrendo, por exemplo, com o uso da forma de referência à primeira pessoa do plural no português brasileiro, cujos falantes podem optar pelo pronome pessoal nós, forma mais antiga e prestigiada no uso padrão, ou pela expressão a gente, variante inovadora e mais freqüente no discurso oral. A mudança lingüística ocorre justamente quando uma das variantes desaparece ou é substituída por outra.

A pergunta que se coloca é: quais as conseqüências desse fenômeno para o texto do aluno, sobretudo aqueles do Ensino Fundamental? A resposta não é muito animadora, mas constitui-se numa questão instigante para o professor de língua materna: os textos dos alunos revelam variantes inovadoras, que, quase sempre, são introduzidas no sistema por meio da língua oral. Algumas vão sendo inconsciente e paulatinamente incorporadas pela escrita; outras permanecem restritas à fala. O fato é que, geralmente, o professor exige do estudante a realização das variantes que não fazem parte da sua fala, provocando, assim, uma distância entre a variedade lingüística dominada pelo aluno e aquela que a escola acredita que seja usual e espera que ele venha a dominar. A conseqüência é clara: pode ocorrer “uma ruptura entre o que a criança lê e o que ela entende” (KATO, 1994, 234).

Sem querer pôr em dúvida a natural distância que separa a escrita da fala, a impressão que se tem é a de que no português brasileiro essa distância é profunda. Tal distância torna-se patente nas aulas de português para estrangeiro em que se ensina que o “certo” é dizer “há um livro na mesa”, mas o que o aluno vai ouvir é: “tem um livro na mesa”. Essa orientação, sabemos pela experiência em sala de aula, também é comum nas aulas de português para brasileiros. A substituição de haver por ter em contextos existenciais não ocorre por acaso. Uma série de fatores influenciam a opção por uma ou outra forma, com predomínio, na língua falada, das estruturas com ter, que, com o passar do tempo, paulatinamente, ganham terreno, ao passo que as construções com a forma haver vão rareando na língua, revestindo-se de formalidade.

Outra construção dificilmente realizada na escrita de estudantes brasileiros é o objeto direto pronominal referente à terceira pessoa, como aparece na sentença “Comprei o livro, mas ainda não o li”. No lugar da expressão destacada, usa-se o pronome sujeito de terceira pessoa, o famoso “ele” em função de objeto direto: “Comprei o livro, mas ainda não li ele”.



Saiba mais

AVERBUG, Mayra Cristina Guimarães. *Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

KATO, Mary. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança. In: DUARTE, Inês & LEIRIA, Isabel (Orgs.) Congresso Internacional sobre o português: actas/org. Associação Portuguesa de Linguística. 1994.

PAIVA, Maria da Conceição de. & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

Há, ainda, nesse contexto, a opção pela realização de uma forma vazia para representar o argumento do verbo: "Comprei o livro, mas ainda não _li". Estudos sociolingüísticos com base na escrita de alunos do Rio de Janeiro (AVERBUG, 2001) revelaram que a estrutura com pronome oblíquo é a menos freqüente. O interessante é que essa forma é a prescrita como padrão.

O raciocínio é claro: se a criança brasileira, no seu cotidiano, não está exposta a um número excessivo de ocorrências com haver, em estruturas existenciais, e pouco ouve construções em que figura um pronome oblíquo átono na função de objeto direto, é natural que ela não as produza em um texto escrito. Para isso ocorrer, o professor lança mão de estratégias didáticas que atuam quase como as estratégias utilizadas nas aulas de língua estrangeira, uma vez que tais formas não são adquiridas naturalmente. Elas são aprendidas na escola.

Talvez esse abismo entre escrita e fala seja consequência da contínua e duradoura presença da tradição portuguesa no Brasil que ditou, ou ainda dita, o perfil das normas (no sentido de gramática normativa) da nossa gramática brasileira. Considerando tal distanciamento, acredita-se que o ensino de língua portuguesa, hoje, além de exigir do professor as informações sobre os registros formais de determinadas estruturas, exige que ele conheça a variedade dominada pelo aluno.

Faz-se necessário, portanto, por parte do professor, o conhecimento das mudanças ocorridas na língua falada para, a partir delas, estabelecermos, com muita cautela, critérios justos de avaliação dos textos escolares. Desse modo, não correremos o risco de desenvolver nos alunos a idéia de que a língua que falamos não é a mesma que escrevemos.

Ângela Marina Bravin dos Santos
Escola Municipal Joaquim da Silva Gomes/ 10º CRE

Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (multirio_dpub@rio.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 4 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

**Educação,
cultura e
entretenimento
na sua TV**

Sintonize
BandRio
segunda a sexta às 7h e às 14h
sábados e domingos às 10h

Net, canal 14
diariamente, a partir das 7h30

anote na agenda

PINTURA – PINTAR E EXISTIR

O Espaço Cultural Maria Lúcia Boiteux e o Instituto Municipal Philippe Pinel convidam para a exposição coletiva do Ateliê André Luiz Vicente do Centro Psiquiátrico Rio de Janeiro. A exposição traz 30 trabalhos feitos por pacientes psiquiátricos que buscam, por meio da pintura, sintetizar e estimular um processo de autoconhecimento. A vontade de pintar é tão grande, que os artistas utilizam como tela desde pedaços de isopor e madeira até as paredes do hospital. Até 29 de junho. Entrada franca.

Espaço Cultural Maria Lúcia Boiteux
Av. Venceslau Brás, 65
Botafogo
Telefone: 2542-3049 (r. 2005)

CONGRESSO INTERNACIONAL – COTIDIANO: DIÁLOGOS SOBRE DIÁLOGOS

O congresso acontece de 8 a 11 de agosto de 2005 e tem entre seus objetivos o estabelecimento de diálogos que ajudem a melhor compreender a complexidade do cotidiano escolar e criar alternativas de intervenção e reorientação curricular. É, também, uma oportunidade para que docentes, assim como estudantes de mestrado e doutorado, apresentem suas pesquisas, de modo a socializar experiências de âmbito local, nacional e internacional. A organização é do Grupo de Pesquisa Alfabetização dos Alunos e Alunas das Classes Populares (Grupalfa). Inscrições, normas para envio de trabalhos e informações sobre pagamento no site: <http://www.grupalfa.com.br/congresso/apresentacao.asp>

Faculdade de Educação da UFF
Campus do Gragoatá s/nº, bloco D,
São Domingos - Niterói
Telefone: (21) 2629-2692
<http://www.grupalfa.com.br/abertura.asp>

EXPOSIÇÃO – HENFIL DO BRASIL

Mostra inédita que reúne acervo com mais de 300 desenhos originais do artista Henrique de Souza Filho, o Henfil (1944-1988), cartunista, quadrinhista e colaborador do histórico jornal “O Pasquim”, além de fotos, imagens, frases, publicações e depoimentos. Com seu traço econômico e de elevada expressividade, criou personagens tipicamente brasileiros em favor das críticas ao autoritarismo e às mazelas sociais, contribuindo, assim, para a recriação do desenho de humor politicamente engajado. A mostra ficará aberta à visitação até o dia 26 de junho.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 – Centro
2º andar. Tel.: 3808-2020
www.cccb.com.br

ASSIM VIVEMOS – FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES SOBRE DEFICIÊNCIA

O festival será realizado de 9 a 21 de agosto de 2005 no Rio de Janeiro, no Centro Cultural Banco do Brasil. Todas as sessões terão legendagem especial para surdos e dublagem em fone de ouvido para deficientes visuais. Algumas sessões serão seguidas de debates, que contarão com a presença de personalidades, especialistas e realizadores. A produtora Lara Valentina Pozzobon lembra que “o êxito da primeira edição, em 2003, prova que deslocar as discussões sobre pessoas portadoras de deficiências para um ambiente dedicado à cultura estimula o interesse e a formação de novos pontos de vista”.

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 - Centro
2º andar. Telefone: 3808-2020
www.cccb.com.br

CONVITE

A equipe da Escola Municipal Prudente de Moraes, na Tijuca, convida para a missa comemorativa do centenário da instituição, que será realizada no dia 10 de junho, às 10h. A Prudente de Moraes é uma das 40 unidades da rede municipal de ensino do Rio tombada pelo patrimônio histórico e foi a primeira escola inaugurada pelo prefeito Pereira Passos.

Missa de Ação de Graças
Local: Paróquia de São Sebastião dos Frades Capuchinhos
Rua Hadock Lobo, s/nº - Tijuca

EXPERIMENTOS INTERATIVOS

A Casa da Ciência da UFRJ exhibe, até o dia 12 de junho, a reedição da exposição “Descubra e Divirta-se”, uma forma divertida e interativa de explicar alguns experimentos da física, como a velocidade do som, a formação da sombra, o funcionamento de um elevador, entre outros. A mostra conta, também, com oficinas de vídeos e sessões de cinema para participantes entre 9 e 17 anos. De terça a sexta, das 9h às 20h; sábados, domingos e feriados, das 10h às 20h. A entrada é gratuita.

Casa da Ciência – Centro Cultural da UFRJ – Botafogo
Rua Lauro Müller, 3 – Botafogo
Telefone: 2542-7494
<http://cciencia.ufrj.br>

Livros



Escola e Cidadania

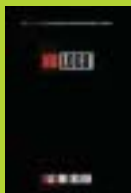
Philippe Perrenoud
 Editora Artmed, 2004

O aumento da violência, do individualismo e o enfraquecimento do vínculo social fazem com que aumentem as expectativas na escola como propulsora da democracia e de cidadania. Essa obra de Philippe Perrenoud apresenta as condições para que a escola possa desempenhar bem esse papel.

No Logo

Naomi Klein
 Editora Record, 2002

Mixando a paixão de ativista com sofisticado comentário cultural, Naomi Klein constrói formulações reveladoras sobre o reino das marcas. A autora aponta os efeitos negativos deste mecanismo na cultura, no trabalho, na educação e nas escolhas do consumidor.



Fenômeno Bullying - Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz



Cleo Fante
 Verus Editora, 2005

A autora apresenta o Bullying como um fenômeno que vem sendo tema de preocupação e de interesse nos meios educacionais e sociais em todo o mundo. Lançamento na Bial do Livro – 2005.

Sete Sonhos e um Amigo

Roseana Murray
 Editora FTD, 2004

Maurício adorava escutar Mariana, sua vizinha, tocar piano. Para poder se aproximar mais, foi pedir a ela que o ensinasse aquelas músicas tão bonitas. Essa convivência fez crescer uma forte amizade entre o garoto e a professora, apesar da grande diferença de idade que havia entre eles. O tempo passou, Maurício foi para longe, mas sempre se correspondendo com Mariana. Quando estava prestes a ser pai, ele mandou uma carta para a amiga pedindo que ela escrevesse uma história que haviam compartilhado, sobre um estranho livro dos so-

nhos. Sete sonhos e um amigo é a história desse livro misterioso, cujos sete títulos e imagens provocaram sonhos únicos, que nunca se repetiram, mas que fortaleceram a amizade entre eles e deixaram muitas lições de sensibilidade.

Consumo e Espaços Pedagógicos

Maria de Lourdes Coelho
 Cortez Editora, 1998

O leitor vai encontrar neste livro guias significativas para construir, com seus alunos, conceitos e contextualizações do seu cotidiano nas proporções que o estimulem a pensar criticamente sobre o tema consumo.

As Palavras Voam

Antologia poética de Cecília Meireles, organizada por Bartolomeu Campos de Queiroz
 Editora Moderna, 2005

Movida pelo afeto e respeito que promovem a dignidade do sujeito, Cecília Meireles se expressou de maneira sofisticadamente simples, daí sua poesia ser propícia a todos, inaugurando vários níveis de leitura, como convém à literatura. Lançamento na Bial do Livro – 2005.

Vídeos

Programa Nós da Escola – MULTIRIO



Programa 53 – Consumo consciente
 Programa 12 – Identidade e consumo

Programa Abrindo o Verbo – MULTIRIO

Programa 10 – Consumo

Programa Rio, a Cidade! – MULTIRIO

Programa 559 – Direitos do consumidor

PROCURA-SE

VIVO

OU MORTO

Ele mede de 10 a 20cm, pesa até meio quilo e se alimenta de plantas e frutas que vê pela frente. Muito cuidado com o **CARAMUJO AFRICANO**! Esse bicho pode até matar!

TRANSMISSOR PERIGOSO DE DOENÇAS

A secreção do **CARAMUJO AFRICANO** deixada na pele das pessoas, em hortaliças e frutas, ataca o intestino, dá dor na barriga, febre, enjôo, vômitos, diarreia, dor de cabeça e até meningite.

TODO O CUIDADO

- Evite o contato direto
- Proteja as mãos com luvas descartáveis ou saco plástico, se tiver que pegá-lo
- Lave bem verduras, legumes e frutas que entraram em contato com o caramujo. Em seguida, deixe-o em 1 litro d'água, com 1 colher de sopa de água sanitária por 15 a 30 minutos. Depois, lave com água potável.

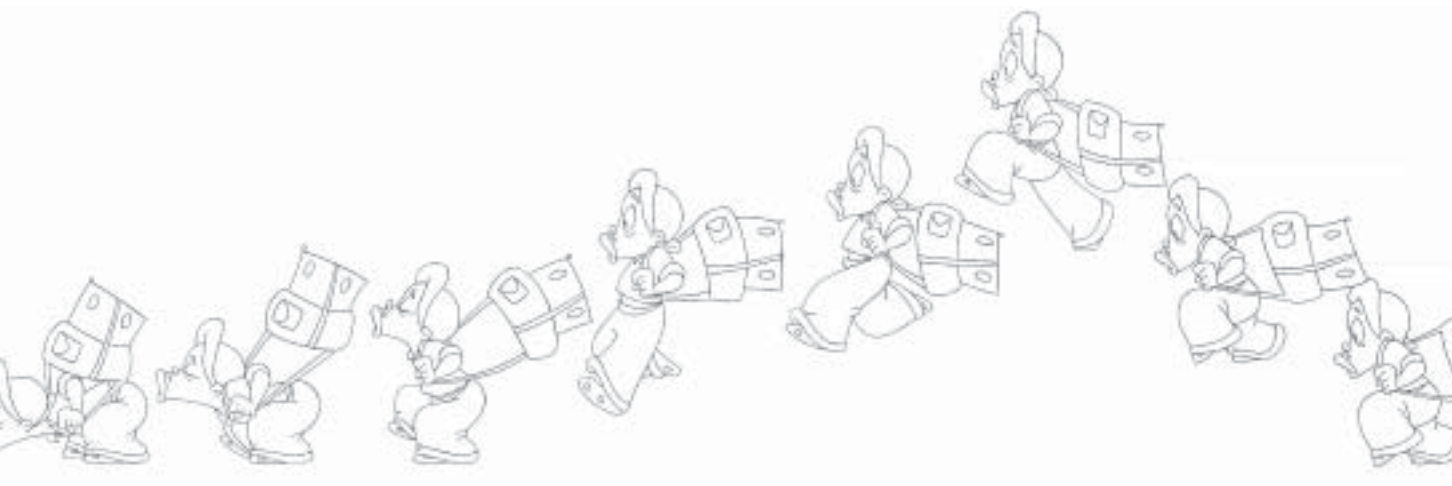
COMO EXTERMINAR

- Ponha o caramujo direto em água salgada
- Queime em latas ou tonéis
- Quebre as cascas e enterre. (Evita larvas de mosquitos)



FIQUE LIGADO!
Caso encontre um **CARAMUJO AFRICANO**, ligue para a Defesa Civil. 199 e 2576-5665.





**No próximo número:
Animação**